



SURFE E EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: POTÊNCIA E A PRÁTICA NO PROJETO SOCIAL “SURF E STAND UP PADDLE PARA TODOS”

Resumo - Este estudo pretende observar no ambiente de prática do surfe, entendido como uma manifestação da cultura corporal de movimento, nas configurações desde o lazer ao esporte de rendimento, a possibilidade e potência do desenvolvimento de elementos da educação não formal. Para tal objetivo foi utilizado a aplicação do conceito metodológico das Narrativa Biográficas em participantes do Projeto Social Surf e Stand Up Paddle para Todos, fundado em 2009, na cidade de Caraguatatuba – litoral norte do estado de São Paulo, onde foram obtidos o registro da narrativa do Prof. Luciano Sant’anna – idealizador do projeto. A narrativa analisada por este estudo ainda é composta pelo relato de um aluno, que por ventura esteve presente no momento do registro e participou da composição dos dados ao legitimar a narrativa de seu professor. Os elementos analisados das narrativas biográficas deste professor e seu aluno, nos sugerem que a prática do surfe contém potenciais além da dimensão esportiva, relacionada ao alto rendimento, pois, também pode ser abordado como instrumento pedagógico e espaço de interação social, permitindo aos seus praticantes momentos que podem congregam prazer, aprendizado, e a excelência do corpo em movimento em suas diversas configurações de prática; lazer, saúde e qualidade de vida, competitiva, e profissional.

Palavras-chave: Surfe; Educação; Narrativas biográficas.

SURFING AND NON-FORMAL EDUCATION: POWER AND PRACTICE IN THE SOCIAL PROJECT “SURFING AND STAND UP PADDLE FOR ALL”

Abstract – The study aims to observe in the surfing practice environment, understood as a manifestation of the movement body culture, in the leisure and performance sport structures, the possibility and power of development of non-formal education elements. For this purpose, the methodological concept of biographical narrative was applied to participants of the Social Project Surf e SUP para Todos, founded in 2009 in Caraguatatuba – north shore of São Paulo state, where the narrative of the coach/teacher, Luciano Sant’anna – social Project founder - was recorded. The narrative, analysed by this study, is also composed by the report of a student that happened to be present at the time and helped to legitimate the coach/teacher’s narrative. The analyzed elements of the biographical narratives of the coach/teacher and his student suggest that the practice of surfing contains potentials beyond the sports dimension, related to the high performance, because it can also be approached as a pedagogical instrument and a space for social interaction, allowing its practitioners, moments that can bring together pleasure, learning, and the excellence of the moving body in its various practice configurations; leisure, health and quality of competitive and professional life.

Keywords: Surfing; Education; Biographical narratives.

SURF Y EDUCACIÓN NO FORMAL: PODER Y PRÁCTICA EN EL PROYECTO SOCIAL "SURF Y STAND UP PADDLE PARA TODOS"

Resumen - El estudio tiene como objetivo observar en el entorno de práctica de surf, entendido como una manifestación de la cultura del cuerpo del movimiento, en las estructuras deportivas de ocio y rendimiento, la posibilidad y el poder del desarrollo de elementos de educación no formal. Para este propósito, el concepto metodológico de narrativa biográfica se aplicó a los participantes del Proyecto Social Surf e SUP para Todos, fundado en 2009 en Caraguatatuba - costa norte del estado de São Paulo, donde la narrativa del entrenador / maestro, Luciano Sant’anna - Fundador del proyecto - fue grabado. La narrativa, analizada por este estudio, también está compuesta por el informe de un estudiante que estuvo presente en ese momento y ayudó a legitimar la narración del entrenador / maestro. Los elementos analizados de las narrativas biográficas del entrenador / profesor y su alumno sugieren que la práctica del surf contiene potenciales más allá de la dimensión deportiva, relacionados con el alto rendimiento, porque también puede abordarse como un instrumento pedagógico y un espacio para la interacción social. , permitiendo a sus practicantes, momentos que pueden reunir el placer, el aprendizaje y la excelencia del cuerpo en movimiento en sus diversas configuraciones de práctica; Ocio, salud y calidad de vida competitiva y profesional.

Palabras-clave: Surf; Educación; Narrativas biográficas.

Vinícius Cardoso de Souza

Escola de Educação Física e Esporte

Universidade de São Paulo, Brasil

vnstrainer@gmail.com

Rafael Campos Veloso

Escola de Educação Física e Esporte

Universidade de São Paulo, Brasil

<http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v2n3.id60>

Recebido: 25 Ago 2019

Aceito: 01 Set 2019

Publicado: 11 Set 2019

Introdução

Entendemos o esporte enquanto um dos maiores fenômenos socioculturais do mundo contemporâneo. Fenômeno, de abrangência global, que depois de suas primeiras configurações no final do século XIX, atravessou todo o século XX, tornou-se desde prática de lazer até produto da indústria pela mercantilização de diversos produtos e principalmente dos corpos dos atletas, é campo de disputa geopolítica, e chega ao contemporâneo com a potência da criação de metanarrativas com seu par de vilões e heróis, da representação das tensões sociais, e da mercantilização pela espetacularização e exploração¹⁻³.

O esporte, enquanto produto da cultura corporal de movimento tornou-se reconhecido como um direito social, e campo de projetos e práticas educacionais com intuítos diversos, como a promoção de valores humanos, ética, desenvolvimento e expressão corporal, até questões relacionadas a identidade. Diante desta inserção social, aqui comentada de forma breve, o esporte tornou-se campo de prática sempre presente nas escolas onde, mesmo se preterido por determinados projetos pedagógicos, surge espontaneamente entre os educandos em momentos de menor cerceamento dos corpos, como intervalos e recreios, jogando com quaisquer materiais como buchas de papel ou latas amassadas, em metas ou quadras imaginadas.

Não é raro observar situações em que a escola possui dificuldades de estabelecer um projeto significativo de abordagem do esporte, no sentido de aproveitar seu potencial educacional. Entre os motivos para tal realidade podem ser citados a falta de investimento na formação de professores, escolas sem estrutura adequada, falta de materiais básicos, ausência de políticas públicas que promovam troca de experiências, ou seja, problemas que se perpetuam na educação pública e, somados a uma sociedade marcada pelo excesso de positividade, na qual o indivíduo, protagonista de um inconsciente social do poder, é denominado por Han⁴ como “sujeito do desempenho” (p. 23). Han⁴ estabelece uma breve comparação entre a sociedade do século XXI com a sociedade disciplinar de Foucault. Para o autor, a sociedade disciplinar é uma sociedade da negatividade dominada pelo verbo modal do não-ter-o-direito, do dever e da coerção. Já a sociedade do desempenho é marcada pela sua desvinculação da negatividade, sendo então dominada pelo verbo modal do poder ilimitado. O “não” dá lugar ao “sim, nós

podemos”, pois, a positividade do poder é mais eficiente que a negatividade do dever, o que torna o sujeito do desempenho mais rápido e mais produtivo.

Transformado em espetáculo em função da multiplicação dos meios de comunicação o esporte ocupa um dos lugares de destaque entre os vários fenômenos sociais contemporâneos para a emergência de atitudes heroicas. A representação pública do sucesso com a visibilidade dos ganhos materiais proporcionados por vultosos contratos aponta para a valorização dos mais habilidosos, por possuírem condições acima da média de atingir marcas, obter medalhas, ou quebrar recordes em feitos espetaculares. Seu principal protagonista, o atleta, suscita uma inevitável aproximação com o mito do herói por ser ele utilizado como referencial de projeção de alguém, que enfrentou as mais duras provas e os piores inimigos, e por isso traz consigo a marca da vitória. No entanto, refletindo as configurações sociais da contemporaneidade, o esporte é marcado pela mesma configuração de valorização da vitória e celebração do vitorioso, e como efeito colateral observamos a constituição de um imaginário da derrota guiado por semântica de tendência negativa; aquilo a ser evitado a qualquer custo^{1,5,6}.

O surfe surge no cenário esportivo, no início do século XX, com o havaiano Duke Kahanamoku. Exímio nadador, conquistou a medalha de ouro, nos 100m livre, nos Jogos Olímpicos de Estocolmo (1912) e Antuérpia (1920). Duke atribuía sua performance atlética nas piscinas à prática do surfe e, logo após sua primeira conquista olímpica, passou a realizar demonstrações nos Estados Unidos e Austrália. Influenciado pelas apresentações de Duke nos Estados Unidos, que surfava as ondas com pranchas pesadas de madeira nas décadas de 1910 e 1920, Tom Blake se desponsa na história como o responsável por desenvolver técnicas próprias de fabricação de pranchas de surfe, resultando em um produto infinitamente mais leve, moderno e manobrável^{7,8}. A evolução das pranchas foi muito importante para a profissionalização do surfe enquanto modalidade esportiva, pois motivou os praticantes a buscar novas possibilidades, que não somente descer as ondas, mas realizar manobras de alto grau de complexidade, criando mais elementos que firmaram os níveis de disputa e o espetáculo.

As décadas de 1960 e 1970 foram marcadas pela busca da profissionalização do surfe. Países como Austrália, Estados Unidos e África do Sul foram os primeiros a constituírem associações criadas por surfistas que enfrentavam as leis impostas por autoridades de regiões costeiras a fim de controlar a prática do surfe. Em suas primeiras

configurações, a profissionalização do surfe sofria resistência por parte de surfistas que defendiam o distanciamento das dimensões do esporte, com suas estruturas de poder e seu *modus operandi* pautado na competição, pois defendiam a manutenção dos valores da prática daquilo que consideravam os “surfistas de alma”⁹.

O peruano, Eduardo Arena, foi o fundador da *International Surfing Federation* (ISF), instituição criada em 1964 e que esteve à frente dos campeonatos mundiais amadores até 1970. Anos depois, a ISF, viria ter o seu nome substituído para *International Surfing Association* (ISA) e é, atualmente, a principal organização de surfe amador, presidida pelo argentino Fernando Aguerre¹⁰.

Concomitante a esse momento, no Havaí, mais precisamente na década de 1970, o surfe ganhava, através dos surfistas locais, uma postura diferente e que se distanciava do amadorismo. Foi nesse cenário que, em 1976 foi criada a *International Professional Surfers* (IPS). A IPS passou a ser o corpo governante do surfe profissional mundial. Após alguns anos, foi substituída pela *Association of Surfing Professionals* (ASP) que levou as competições de surfe para regiões afastadas dos grandes centros. Foi ASP que criou as categorias Júnior e Masters. Em 2015, a ASP dá lugar ao que hoje é chamado de *World Surfing League* (WSL) com o intuito de tornar a instituição um órgão centralizado mais prestigioso, controlando os principais campeonatos mundiais masculinos e femininos da elite¹¹.

Atualmente no Brasil, o expressivo número de surfistas entre os melhores do mundo, liderados pelo bicampeão mundial Gabriel Medina, fez com que a procura por este esporte crescesse de maneira significativa. Por consequência, a quantidade de escolinhas de surfe, projetos sociais e centros de treinamento crescem exponencialmente. Configurado enquanto modalidade esportiva, os objetivos pelos quais os interessados procuram o surfe são muitos e, ao longo da experiência derivada da prática, passam a vivenciar momentos e sensações que podem proporcionar o convívio com ensinamentos e aprendizados que transcendem o gesto motor ou do desenvolvimento de uma capacidade física.

Os praticantes do surfe sugerem experienciar desde mudanças em relação à autoestima, persistência, coragem, equilíbrio físico e emocional, até o despertar de uma postura consciente em relação ao meio ambiente, lidar com emoções diversas, e dimensões relacionadas a valores morais e éticos. Portanto, entendemos que o surfe,

tanto enquanto prática da cultura corporal de movimento, como em suas configurações de modalidade esportiva (reiterando que uma condição não anula a outra), se mostra campo e prática potentes para a dimensão da educação não formal. Segundo Smith¹², a educação não formal começou a fazer parte do discurso internacional de políticas educacionais no final dos anos 1960. O símbolo desse discurso são os conceitos dos termos “*lifelong education*” e “*learning society*” documentados pela Unesco, 1972, *Learning to Be: The world of education today and tomorrow* e que abriram espaço para autores discutirem diferentes modalidades de educação que passaram a permear a esfera educacional de ensino, a saber:- formal, não formal e informal¹³. Gohn¹⁴ situa a educação informal nas experiências vivenciadas no âmbito familiar, no convívio com os amigos, clubes, teatros, leituras diversas etc., pois possuem caráter espontâneo e permanente. O esporte, enquanto fenômeno sociocultural, também se apresenta como uma plataforma onde a educação informal ganha corpo através das relações estabelecidas para com o outro e o meio.

Portanto, este estudo intenciona analisar esta manifestação da cultura corporal de movimento, nas configurações práticas desde o lazer ao esporte, como potência e espaço para a educação não formal, procurando delimitar a relação da prática do surfe e o desenvolvimento e promoção de elementos deste tipo de educação situada além dos muros da escola. Para tal objetivo foi utilizado a aplicação do conceito metodológico de narrativa biográfica em participantes do Projeto Social Surf e SUP* para Todos, fundado em 1995 em Caraguatatuba – litoral norte do estado de São Paulo, onde foram obtidos os registros das narrativas de um professor e um aluno que passou pelo projeto.

O Surfe de Todos

Foi deslizando sobre a superfície do mar e alimentado pela força da curiosidade que o homem pode descobrir novos horizontes. A esse movimento, a história edificou seu conteúdo e narrativa acerca dos povos. Conteúdo que se construiu, na maioria das vezes, sobre a exaltação de “desbravadores” ou, pior, “descobridores”, relegando às sombras e ao silêncio do subterrâneo a perspectiva daquele que foi desbravado, invadido. Diante do desenvolvimento e expansão do esporte no desenrolar do século XX até o contemporâneo, o impulso historiográfico pela origem do surfe enquanto

* *Stand Up Paddle*: prancha com dimensões aumentadas para favorecer a flutuação, possibilitando que o surfista se mantenha facilmente de pé, e a utilização de um remo para o deslocamento.

prática da cultura corporal tende a levar estes pesquisadores aos povos polinésios que tinham como característica principal a navegação e a vida em função do mar. Kampion⁷ alega que o surfe foi desvendado para o ocidente em 1778, pelo capitão da Marinha Real Britânica, James Cook. Cook e sua tripulação atravessavam o norte do Oceano Pacífico de volta à Europa e, entre ilhas e mares, presenciaram nativos surfando, nus, em tábuas de madeira. Assim, o capitão inglês descreveu a impressão que lhe ocorreu de que seria praticamente impossível não notar que aquele homem estaria imerso em algo extremamente prazeroso enquanto se equilibrava sobre a madeira, que deslizava suavemente e ao mesmo tempo rápido pela superfície do mar.

Tal constatação sensível diante desta manifestação não impediu os colonizadores ingleses de executar seu processo usual de exploração e domínio que dizimou estimados 400.000 nativos deste arquipélago - que hoje é conhecido como Havaí - resultando em menos de 40.000 sobreviventes indígenas. O autor afirma ainda que os missionários ingleses consideraram o surfe imoral e, portanto, baniram a prática da cultura havaiana por mais de um século¹⁵.

Mas, não podemos seguir adiante neste trecho do estudo sem antes citar outro ponto de vista, a origem do surfe, que aponta para a América do Sul, mais precisamente, o Peru, como o berço real do surfe. Warshaw¹⁶ conta em sua obra *A História do Surfe*, apoiado na narrativa de Felipe Pomar, surfista peruano da década de 1960, a saga dos pescadores peruanos que enfrentavam as ondas com seus caballitos de totora. Eram embarcações feitas artesanalmente com folhas e caules da planta totora, datadas de mais de 4 mil anos e usadas para trazerem o alimento após longas jornadas de pescaria. Ao regressarem para a costa, usufruíam do impulso gerado pelas ondulações, que estavam prestes a quebrar, para retornarem à praia¹⁵.

Felipe Pomar atribuí, baseado em estudos antropológicos e conhecimento local, a região de Hunchaco no Peru, como primeiro local de manifestação do surfe, datando pelo menos três mil anos¹⁶.

Certamente, não é o propósito primeiro deste artigo dissertar acerca da historiografia do surfe e, menos ainda, confrontar as hipóteses de sua origem, mas, tais citações se fazem oportunas por trazer contextualização sobre o fenômeno e o sujeito que surfa. A partir destas breves linhas, é possível identificar a estreita relação que existe entre homem e a prática de deslizar sobre a superfície (*surface*) do mar. Ora, a

prática se apresenta como um campo de batalha, de lançar-se ao desconhecido e o poder da descoberta. Ora, como fonte de alimento, lazer e a prática de uma filosofia de vida.

Independente do período histórico do desenvolvimento do surfe, o sujeito que o pratica, hoje, ainda é, constantemente, atravessado por todos esses elementos e valores peculiares a esta manifestação, que se conservaram pelo tempo, e atingiram o contemporâneo ressignificados diante da explosão da modalidade, em especial no Brasil, culminando na sua inserção, nos jogos Olímpicos de 2020 no Japão.

No Brasil o surfe pausa, timidamente, na década de 1930, em santos, com pranchas havaianas trazidas por turistas. Mas é no Rio de Janeiro, no ano de 1964, após a chegada das pranchas de fibra de vidro que o surfe ganha um tom mais progressista, possibilitando um novo enfoque na maneira de surfar. A década de 1970, marcada pela mudança comportamental dos jovens do planeta, acaba refletindo no surfe, que passou a ser visto como esporte de desocupado, uma visão que exercia um preconceito social para com seus praticantes. Em 1975, as cidades de Ubatuba/SP e Rio de Janeiro começam a organizar os primeiros campeonatos nacionais. Na década de 1980, o surfe é atingido pela explosão do mercado de mídias sonoras e audiovisual e sofre um importante impulso para a popularização do esporte na época^{17,18}.

Hoje, diante do sucesso dos surfistas brasileiros no circuito mundial, o avanço da tecnologia dos equipamentos, facilitando a iniciação de interessados de todas as idades, o crescente número de estudos relacionando a prática do surfe com saúde e bem-estar, e a extensão da região litorânea brasileira, vem sustentando a procura pela prática do surfe em todas as suas configurações mas, principalmente, em suas versões esportivas. O aumento significativo destes praticantes já figura o surfe entre as modalidades esportivas mais procuradas no país.

Nesta seara de popularização da modalidade, encontramos o projeto social Surf e SUP para Todos, ao qual os sujeitos deste estudo são participantes. O Surf e SUP para Todos é o desdobramento de um projeto inicial intitulado Antes no Mar do que na Rua. O primeiro projeto era direcionado somente para crianças e adolescentes carentes e contou com o apoio da Fundação Educacional e Cultural de Caraguatatuba (FUNDACC). Posteriormente, um novo programa de incentivo chamado FIDA (Fundos de Investimentos de Desporto Amador), garantiu uma pequena quantia em recursos para que professores desenvolvessem seus projetos sociais. A partir desse novo incentivo

iniciou-se o Projeto Surf e SUP para Todos, ainda com o objetivo de acolher crianças e adolescentes carentes, mas agora, com um olhar ainda mais inclusivo, também dando oportunidades para adultos, idosos e pessoas portadoras de deficiência física, além de treinamento para o rendimento esportivo.

As aulas acontecem na praia das Palmeiras em Caraguatatuba as terças e quintas-feiras nos períodos da manhã e tarde. O projeto disponibiliza pranchas surfe de diversos tamanhos, pranchas de *Stand Up Paddle* (SUP) e roupas de borrachas para alunos mais carentes. O Prof. Luciano conta com a ajuda de um surfista e estudante de educação física para ministrar as aulas práticas que são enriquecidas com conteúdo teórico sobre a história do esporte e o vocabulário da língua inglesa, bastante recorrente no surfe.

Fundamentação da Narrativa Biográfica Enquanto Método

A narrativa, segundo Benjamim¹⁹, durante longo tempo floresceu em um meio artesão e ela própria é, em certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. “Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada, como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para, em seguida, retirá-la dele. Assim, imprime-se, na narrativa, a marca do narrador, como “a mão do oleiro na argila do vaso” (p. 221). Tanto a narrativa da história de vida dos sujeitos deste estudo, como a narrativa social, relacionadas a inserção e prática do surfe, são construções fundamentadas no testemunho de si próprio, no mundo. Para Ricoeur²⁰, a constituição ontológica do *homme capable*, em *soi même comme un autre*, implica a consideração de quatro dimensões fundamentais do testemunho de si próprio no mundo: a linguagem, a ação, a narrativa e a ética. Para o autor, a narrativa constrói o caráter durável de um personagem, que se pode chamar de identidade narrativa. O conhecimento de si próprio é uma interpretação, que encontra na narrativa uma mediação privilegiada. Se não é possível um conhecimento direto de nós próprios, nada impede uma mediação interpretativa de nós mesmos, através do uso de uma linguagem narrativa.

O trânsito entre o individual e o coletivo foi, sem dúvida, um dos agentes mobilizadores para a busca e o desenvolvimento das narrativas biográficas enquanto metodologia que possui nas histórias de vida seus contornos básicos. Entendida como uma forma particular de história oral, a narrativa biográfica compreende a dimensão criadora do relato de vida, capaz da ação de ressignificação de sua memória, e expressão

de valores que transcendem o caráter individual, e se inserem na cultura do grupo social ao qual o narrador pertence. Essa construção considera os dados relevantes da trajetória do narrador dando uma ideia do que foi sua vida e do que ele mesmo é nesse momento. A atitude reflexiva permite a (re)experimentação de situações passadas, não apenas do ponto de vista do desenrolar dos fatos, mas pela ressignificação de episódios marcantes para o narrador, que se permite inverter (ou subverter) a narrativa, obedecendo a uma cronologia própria da afetividade implicada no evento ocorrido, dando ao seu texto um contexto²¹⁻²⁶.

Para Rubio^{6,27}, ao considerar o caráter qualitativo desta metodologia, o entrevistador-pesquisador assume papel ativo na busca de elementos importantes. Durante a coleta do relato de vida, o entrevistador não deve deixar desaparecer a inquietação da curiosidade, pois é essencial na busca de relatos e episódios que podem oferecer compreensão a itens investigados. Esta conduta do investigador pode determinar o grau de envolvimento afetivo do sujeito com a narrativa. A autora, em longo estudo sobre a trajetória de vida de atletas olímpicos, sob a aplicação exaustivas dos postulados conceituais das narrativas biográficas, apontou para a possibilidade da heterogeneidade e da singularidade destes relatos de vida como agentes unificadores do grupo, cuja lembrança do passado levava à exposição de marcas, como cicatrizes, já absorvidas com diferentes impactos pelos narradores. Isso porque, entre a experiência vivida e o momento narrativo havia um lapso temporal de poucos anos ou algumas décadas, conferindo coloridos e desbotamentos às memórias, conforme o impacto da vivência e da dinâmica dos acontecimentos da vida pós-atleta. Dessa forma, a memória não é apenas uma reprodução de experiências vividas, mas uma recriação do passado a partir das lembranças acumuladas, do momento recriado e das influências do contexto social e cultural da pessoa.

A caracterização demográfica do grupo de análise não se limita ao recorte etário, de gênero ou de classe. Inclui aspectos relacionados aos episódios direta ou indiretamente vividos, bem como experiências e memórias comuns a um determinado grupo. A narrativa biográfica pode ser compreendida como uma reunião de memórias coletivas que, na voz e na subjetividade de uma pessoa, ganha um sentido particular. Longe de ser uma síntese exata da “vida”, a narrativa biográfica se compara, analogamente, ao fragmento espacial que, apesar de pequeno e descaracterizado, possui

as propriedades da constelação de onde se originou, tornando-se, assim, fonte indispensável do conhecimento sobre o passado e da história recente²⁸.

Cada fragmento narrativo tem algo a dizer sobre uma pessoa, fenômeno, contexto e/ou momento histórico específico, ou, dito de outra maneira, é a própria narrativa que dá forma ao que se denomina fenômeno, contexto ou momento histórico. Mais do que isso, a narrativa é, desde os mais remotos tempos, elemento responsável pela explicação do porquê de as coisas serem o que são e de como vieram a sê-lo. Desta forma, entendemos que as narrativas biográficas do professor de surfe e seu aluno, que serão apresentadas na próxima sessão, cumprem propósito semelhante no que diz respeito ao conhecimento da cultura esportiva a qual pertencem, bem como seu potencial para a esta dimensão da educação à qual tratamos, uma vez que esta cultura não é por eles apenas escrita, mas reproduzida e transformada no próprio fazer esportivo.

Para os objetivos deste estudo apreendemos a narrativa biográfica, do surfista Luciano Aguinaldo Coelho Sant’anna, da cidade de Caraguatatuba/SP que iniciou sua trajetória de serviços sociais, com foco no surfe, no ano de 1988 e como ele próprio relata: “sem saber direito o que estava fazendo, iniciei ajudando na organização do circuito Barra Boys de Surf em Caraguatatuba”, que se constituía em um campeonato de quatro etapas destinada a garotos abaixo de 18 anos. Assim que a última etapa do campeonato foi concluída, em maio de 1989, Luciano foi convidado para ser diretor social da Associação de Surf de Caraguatatuba (ASC). Ainda vinculado a ASC, em 1992, Luciano liderou a criação da escolinha de surfe de Caraguatatuba. Com pranchas emprestadas e dando aulas para o filho, sobrinhos e algumas crianças da comunidade que moravam perto de sua casa, ele passou alguns anos buscando apoio da prefeitura para conseguir oferecer melhores condições aos seus alunos. Em uma das suas tentativas na câmara dos vereadores, um vereador, da oposição na época, o aconselha a procurar ajuda no FUNDACC, que era dirigida pelo médico Dr. Pedro Norberto. O doutor se interessou em subsidiar a escolinha e, em abril 1995, Luciano, lançou o projeto Antes no Mar do que na Rua. De 1995 a 2004, o projeto cresceu através de doações e o apoio financeiro do FUNDACC. Neste período, Luciano se formou em Educação Física e se tornou professor/instrutor e técnico de surfe. Na mudança de gestão da prefeitura de Caraguatatuba, em 2005, o projeto deixou de receber a verba da

FUNDACC e o Prof. Luciano não conseguiu sustentá-lo por muito tempo, fator que o levou a interromper as aulas para, então, se dedicar a carreira escolar e aulas particulares. Quase cinco anos mais tarde, ele retorna a prefeitura por conta de um novo programa de incentivo, chamado FIDA (Fundos de Investimentos de Desporto Amador), viabilizando seu retorno à causa social, sob o apoio municipal, com o Projeto Surf e SUP para Todos.

Compõe o espectro da narrativa biográfica do prof. Luciano Sant’anna, a participação e os relatos de um de seus alunos participante do projeto. A narrativa do aluno, apesar de seu caráter autobiográfico, compõe o campo da narrativa analisado por este trabalho, no sentido de firmação e complemento na narrativa professor. Desta forma, por fornecer dados valiosos, integrados à narrativa do professor, consideramos os relatos autobiográficos do aluno. Todavia, mesmo de posse do termo de consentimento de pesquisa assinado por parte do aluno, optamos por manter sua identidade em sigilo por motivos de preservação e por não considerarmos tal exposição necessária aos objetivos deste estudo.

Para o registro das narrativas biográficas, foram adotados os procedimentos descritos por Meihy e Holanda^{29,30} em obras destinadas à práticas do campo da chamada história oral. O encontro[†] com os sujeitos foi registrado em vídeo e, posteriormente, os relatos foram transcritos para originar, em um único documento textual (professor e aluno), a principal fonte de análise deste estudo.

A importância da leitura criteriosa de todas as transcrições se justifica no fato de que os conteúdos que representam determinados fenômenos não se encontram isolados ou por completo em um único texto, mas são compartilhados intertexto. Assim como um único texto pode sinalizar diferentes conteúdos, diversos textos podem elucidar um grande tema. Em outras palavras, uma memória individual será sempre fragmento ou complemento de uma memória coletiva, assim como a memória coletiva será o terreno onde a singularidade e representatividade da memória particular pode florescer³¹⁻³³.

Entre Mestre e Aluno: A Narrativa dos Surfistas

[†] Substituto para o termo “entrevista”, pois, nosso intuito é o distanciamento da semântica comum relacionada ao jornalismo, e a aproximação de dimensões afetivas entre pesquisador e sujeitos, caras aos postulados aos campos da história oral e de vida, e das narrativas biográficas conforme afirmam Bosi³⁴ e Rubio³⁵.

É patente na narrativa do prof. Luciano, a importância de sua figura enquanto professor de surfe, e seu papel transformador na vida de um dos alunos do projeto. Nesse trecho, ele relata que foi surpreendido, por um ex-aluno, ao entrar em uma loja situada em Caraguatatuba. O ex-aluno, agora, dono da loja e com família constituída, foi logo mostrando sua gratidão, em forma de respeito e reconhecimento, ao apresentar sua família e sua conquista profissional, com muito orgulho de si.

Enquanto exercia a função de diretor social da ASC, Luciano relata que havia um consenso, por parte dos integrantes, em realizar um projeto social, mas que só foi se concretizar a partir do momento em que ele, próprio, decide a “realmente arregaçar as mangas e ir para praia” começando a ensinar seu filho, Luciano Brulher, na época, com três anos de idade - hoje, o surfista profissional de Caraguatatuba com mais notoriedade - seus sobrinhos e mais alguns garotos que moravam numa “favelinha” perto de sua casa.

Luciano, no período em que o projeto era subsidiado pelo FUNDACC, organizou exposições sobre a história do surfe, fomentando o segmento cultural da cidade, trazendo aos olhos do cidadão caraguatatubense, informações sobre uma prática corporal originária de povos que, também, viviam próximo ao mar, ou seja, uma possibilidade de movimento que engloba lazer e manifestações de elementos da própria cultura.

Durante o encontro, Luciano nos exibiu um vídeo, gravado em 2010 por um canal esportivo, sobre seu projeto. Nesse vídeo há depoimentos da mãe de um de seus alunos, e de um ex-aluno, ambos expuseram a importância do projeto e da atuação do professor. No depoimento o ex-aluno relata: “Com o surfe que ele ensinou, eu consegui virar guarda-vidas voluntário. Graças ao Luciano”.

Aproximando a educação não formal à prática, destaca-se a passagem da narrativa do professor a seguir:

“Eu mesmo, com o meu bad english, mas o pouquinho que sei...eu tô dando aula de surfe, eu tô ensinando inglês pra mulekada. Tô falando inglês com eles – paddle, paddle, paddle! Wave coming, wave coming! Big wave, big wave! Left! Right! - Quando sai dali o pai pergunta: Tá ensinando inglês pra ele? Lógico, tenho que ensinar mais que esporte. Coisa básica. O que eu não tive, eu tô passando pra essa molecada”.

Em muitos momentos de sua narrativa, Luciano expõe a dificuldade que era, e ainda é, de prosseguir com o projeto. “Teve uma época que eu tava baqueado. Eu não tinha caranga, morava no centro, eu ia até a praia das Palmeiras pra dar aula pra molecada com uma carretinha que eu enganchava as pranchas e ia cinco quilômetros na ciclovia”. Nessa passagem, ele relata os contratempos dessa jornada como vento, ciclovia esburacada e problemas com a “carretinha”. Diversas vezes, o projeto sofreu interrupções por falta de incentivo. Um discurso carregado de magoas, pelos desentendimentos políticos, mas também, de muito orgulho e satisfação por ter enfrentado todos os desafios e se tornado uma referência positiva para cidade.

No decorrer da gravação, Luciano encontra com um de seus alunos do início do projeto. Ele, gentilmente, aceitou participar do momento e sua narrativa acabou se tornando uma composição de cenário, consolidando a própria narrativa do professor. O aluno diz que o período em que participou do projeto, foi repleto de bons aprendizados, que Luciano é um exemplo de cidadão para todos da cidade de Caraguatatuba, pelo seu esforço em levar, não só o surfe, mas, também, um pouco de cultura para crianças e jovens.

Ainda sobre a narrativa deste aluno, é possível notar a significado da amizade que se apresenta como um valor, amplamente desenvolvido, quando ele diz que ainda encontra os amigos, da época de projeto, para surfar e compartilhar momentos de lazer e diversão.

O professor, instrutor e técnico de surfe, tem plena consciência de que sua formação profissional, e sua situação financeira, que se encontra estabilizada, pelo sucesso das aulas particulares de surfe, se deu através das necessidades do projeto em ter alguém, não somente com boa vontade, mas tecnicamente preparado para assumir tal responsabilidade. Isso se materializa quando ele diz: “A aula particular veio através do projeto social que eu tava fazendo”, mais adianta, ele reafirma o seu comprometimento com a causa: “Eu vim do social, eu não tive oportunidade, eu fui lá oportunizar dando aula de graça”.

Hoje, já com mais de 50 anos de idade, Prof. Luciano ainda carrega o valor de proporcionar experiências significativas na vida de jovens. O projeto se tornou bem conhecido na cidade, assim como “a melhor sala de aula do mundo”, que é como carinhosamente se refere a sua tenda de aulas particulares chamada, Aulas de Surf e

SUP do Sapê, localizado na praia do Sapê, em Ubatuba. O Prof. Luciano retribui, como pode, a ajuda que recebeu em tempos difíceis, oferecendo estágio remunerado na tenda e no projeto Surf e SUP para Todos, para um estudante de educação física.

Considerações Finais

Os elementos analisados das narrativas biográficas do prof. Luciano Sant’anna, e seu aluno, participantes do Projeto Social Surf e SUP para Todos, nos sugere que a prática do surfe contém potenciais além da dimensão esportiva, relacionada ao alto rendimento, pois, também pode ser abordado como instrumento pedagógico e espaço de interação social, permitindo aos seus praticantes momentos que podem congregam prazer, aprendizado, e a excelência do corpo em movimento em suas diversas configurações de prática; lazer, saúde e qualidade de vida, competitiva, e profissional.

Aplicando os conceitos e procedimentos das narrativas biográficas, observamos, não apenas a identificação de características comuns entre as narrativas destes surfistas, mas um encontro com elementos potencialmente significantes desta manifestação e prática específica presente na dimensão da cultura corporal de movimento. Por intermédio das narrativas, foi possível identificar que o surfe representa, para o prof. Luciano, o espaço para, ora intencional, ora espontaneamente, realizar práticas onde ocorre algum tipo de aprendizado para além do gesto motor do surfe, mas uma experiência carregada de valores que os acompanham. O potencial da prática, e sobretudo da relação entre o professor de surfe e aluno em atuarem na educação não formal é notória na narrativa do professor e legitimada e reafirmada nos relatos do aluno.

O atual projeto Surf e SUP para Todos é fruto de uma semente que foi plantada há 30 anos atrás para acolher, através do surfe, crianças e jovens, na tentativa de proporcionar elementos positivos na vida destes indivíduos. Toda essa trajetória se iniciou, como o Prof. Luciano, diz: “da boa vontade de um surfista”.

Referências

- 1 Rubio K, Veloso RC, Leão L. Between solar and lunar hero: A cartographic study of Brazilian Olympic athletes in the social imaginary. *Imago A J Soc Imaginary*. 2018;(11): 147–62.
- 2 Rubio K. A dinâmica do esporte olímpico do século XIX ao XXI. *Rev Bras Educ Física e Esporte*. 2011; 25:83–90.

- 3 Rubio K. From Amateurism to professionalism: sport’s transformations by the Brazilian Olympic Athletes’ lenses. *Humanit Soc Sci*. 2013; 1(3):85.
- 4 Han B-C. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes; 2015.
- 5 Veloso RC. A condição do gregário no ciclismo de estrada. Aspectos de uma prática competitiva singular no esporte contemporâneo. In: Rubio K, editor. *Preservação da memória: A responsabilidade social dos Jogos Olímpicos*. São Paulo: Laços Editora; 2014.
- 6 Rubio K. *Memória e imaginário de atletas medalhistas olímpicos brasileiros* [tese – livre-docência]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte; 2004.
- 7 Kampion D. *Stoked!: a history of surf culture*. Santa Monica, CA: Gibbs Smith; 2003.
- 8 Kampion D, Brown B. *Uma história da cultura do surfe*. Los Angeles: Evergreen; 2000.
- 9 Booth D. History, culture, surfing: Exploring historiographical relationships. *J Sport Hist*. 2013; 40(1): 3-20.
- 10 International Surfing Association (ISA) [Internet]. [citado 26 Aug 2019]. Disponível em <https://www.isasurf.org/>.
- 11 World Surfing League (WSF) [Internet]. [citado 26 Aug 2019]. Disponível em <https://www.worldsurfleague.com/>.
- 12 Smith MK. What is non-formal education? [Internet]. 1996 [citado 26 Aug 2019]. Disponível em <http://infed.org/mobi/what-is-non-formal-education/>.
- 13 Marandino M. Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal? *Ciência e Educação (Bauru)*. 2017; 23(4): 811–816.
- 14 Gohn MG. *Educação não-formal e cultura política: Impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. São Paulo: Cortez; 1999.
- 15 Amato J, Souza V, Falcão TBC. A Olimpização do Surf. In: Rubio K. Editors. *Do pós ao neo Olimpismo: Esporte e movimento no século XXI*. São Paulo: Képos; 2019.
- 16 Warshaw M. *A História do surfe*. San Francisco: Hartcourt, Inc; 2010.
- 17 Confederação Brasileira de Esportes [Internet]. [citado 26 Aug 2019]. Disponível em <http://www.cbe.esp.br/modalidades.php>.
- 18 Fortes R. O surfe brasileiro e as mídias sonora e audiovisual nos anos 1980: Comunicação e Esporte. *Logus: Comunicação e Esporte*. 2010;17(2): 90-105.
- 19 Benjamin W. *Obras escolhidas*. Vol. I. São Paulo: Brasiliense; 2012.
- 20 Ricoeur P. L’Identité Naarative. *Rev Sprit*. 1988; 295–304.
- 21 Rubio K. A experiência da pesquisa “Memórias olímpicas por atletas olímpicos brasileiros”. *Acervo*. 2014; 27(2): 93–105.
- 22 Rubio K. Memória, esquecimento e meta-história: entre Mnemosine e Letho. In: Rubio K, editor. *Narrativas biográficas: da busca à construção de um método*. São Paulo: Laços; 2016.
- 23 Veloso RC, Rubio K. Objetos biográficos: tempos vivos para narrativas. In: Rubio K, editor. *Narrativas biográficas: da busca à construção de um método*. São Paulo: Laços; 2016. p. 229–242.
- 24 Rubio K. A história de vida como método e instrumento para a apreensão do imaginário esportivo contemporâneo. *Motus Corporis*. 2003;11(1):30–48.
- 25 Rubio K. Biographical narratives of Olympic Athletes: An access road to identity and Brazilian sports imagery. *Am Int J Soc Sci*. 2015;4(1): 85–90.

Souza VC, Veloso RC. Surfe e educação não formal: Potência e a prática no projeto social “Surfe e Stand Up Paddle para Todos”. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2018; 2(3): 539-554.

26 Rubio K, Carvalho AL. Areté, fair play e o movimento olímpico contemporâneo. *Rev Port Ciências do Desporto*. 2005;3(5): 350–357.

27 Rubio K. Marcos de uma caminhada: Imaginário, método, intuição e mapas de pesquisa com narrativas biográficas. In: Leão L, editor. *Processos do Imaginário*. São Paulo: Laços Editora; 2016. p. 51–75.

28 Ferreira Junior NS De. Contexto e elementos constitutivos do método. In: Rubio K, editor. *Narrativas biográficas: da busca à construção do método*. São Paulo: Képos; 2016. p. 105–19.

29 Meihy JCSB. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola; 2005.

30 Meihy JCSB, Holanda F. *História oral: Como fazer, como pensar*. São Paulo: Editora Contexto; 2007.

31 Leffa VJ. *Aspectos da leitura*. Porto Alegre: Sagra - DC Luzzatto; 1996.

32 Halbwachs M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro; 2006.

33 Stone L. Prosopografia. *Rev Sociol Política*. 2011;19(39): 115–37.

34 Bosi E. *O Tempo Vivo da Memória*. São Paulo: Ateliê Editorial; 2003.

35 Rubio K. *Narrativas biográficas: da busca à construção de um método*. Rubio K, editor. São Paulo: Laços; 2016. p. 39-56.